

Narrativas Entrelaçadas: Mitos, Identidades E Conexões Entre Europa, Líbano E Amazônia

Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹, Adel Malek Hanna²

¹doutor Em Ciências Da Comunicação (Unisinos). Mestre Em Letras: Linguagem E Identidade (Ufac).

Professor Do Programa De Pós-Graduação Em Letras: Linguagem E Identidade (Ppgli) E Do Curso De Jornalismo Da Universidade Federal Do Acre (Ufac). Líder Do Grupo De Pesquisa Narrativa, Literatura E Jornalismo (Nalijor). Orcid: <https://Orcid.Org/0000-0001-5085-7668>. E-Mail: Francisco.Queiros@Ufac.Br.

²(Doutorando Em Letras: Linguagem E Identidade Pela Universidade Federal Do Acre-Ufac. Mestre Em Letras: Linguagem E Identidade Pela Universidade Federal Do Acre-Ufac. Graduado Em Letras E Respektivas Literaturas Da Universidade Federal De Rondônia-Unir/Vilhena. E-Mail: Adel.Amh@Me.Com

Resumo:

A presente pesquisa propõe desenvolver uma abordagem referente às construções identitárias que permeiam a ideia de Europa, a formação Líbano e o conceito de Amazônia em suas possíveis origens. O propósito desta investigação é desvendar as conexões imperceptíveis que entrelaçam as regiões em foco, explorando a influência de mitos, narrativas históricas e movimentos populacionais. Para conduzir a pesquisa, optou-se pela aplicação do método dedutivo, caracterizado por sua natureza básica e exploratória. Adotando uma abordagem interdisciplinar, o estudo incorpora análises literárias, estudos culturais e investigações das narrativas míticas e históricas. Estas análises abrangentes constituem a base fundamental para a compreensão aprofundada das complexas relações presentes nessas narrativas. Os resultados revelam uma rede complexa inerente à construção da identidade europeia, ancorada em mitos gregos e greco-latinos, como o Rapto de Europa, que transcendiam a mitologia para influenciar a configuração cultural da região. No contexto da formação do Líbano, destaca-se a influência fenícia, evidenciando a interconexão cultural e comercial com os gregos e sua repercussão na formação da identidade libanesa, assim como a presença dos vários impérios que perpassaram aquele espaço. A incursão na construção ideológica da Amazônia revela uma narrativa envolto em mitos, estigmas e representações europeias, marcando a região não apenas como um espaço geográfico, mas também como uma narrativa colonizadora que ecoa através do tempo. Portanto, que o presente estudo demonstrou como as narrativas conectam os espaços, possibilitando olhares valiosos no campo dos estudos culturais, incentivando uma apreciação mais profunda da relevância e diversidade das narrativas que constituem a humanidade.

Key Word: Identidade, Europa, Líbano, Amazônia, Narrativas entrelaçadas.

Date of Submission: 17-02-2024

Date of Acceptance: 27-02-2024

I. Introduction

O presente artigo visa compreender como a Europa, o Oriente, na figura do Líbano, e a Amazônia foram delineadas em sua origem, considerando o entrelaçar das construções identitárias que ilustram as sociedades e regiões geográficas, através de narrativas que as moldaram.

O estudo se mostra enriquecedor por possibilitar a análise crítica de narrativas que transcendem as fronteiras geográficas, contemplando mitos, identidades e movimentos populacionais. Compreender através das narrativas como se manifestam os fios invisíveis que conectam diferentes partes do globo se torna relevante para os estudos culturais e históricos, promovendo uma reflexão mais profunda sobre a diversidade da experiência humana e como essas interações moldaram as identidades e culturas específicas dessas regiões.

Assim, a pesquisa tem como questão central a investigação dos fios invisíveis que conectam essas regiões, com o intuito de compreender de que maneira mitos ancestrais, relatos históricos e movimentos populacionais influenciaram na formação de suas identidades?

A partir da problemática apresentada, entendo que a formação de um estado/nação, grupos sociais e identitários são construções discursivas, ou seja, frutos de narrativas que visam emancipar identidades e conceitos a fim de moldar ideias e percepções sobre algo. No caso da ideia de Europa, a formação do estado libanês, como parte do Oriente, e a invenção da Amazônia são frutos da construção humana, de narrativas que

foram sendo propagadas e remodeladas até atingirem a estrutura mínima para criar ou recriar o espaço a que se refere, seja ele físico ou social.

Com isso, o presente estudo tem por objetivo analisar narrativas que deram contorno às identidades desses territórios, enfatizando as influências mitológicas, narrativas históricas e culturais que permeiam suas trajetórias. A ideia de Europa, surge de uma complexa rede de mitos relacionados ao Rapto de Europa, alicerçados na mitologia grega e greco-romana, é analisada em contraste com a rica diversidade cultural e histórica do Líbano, moldada pela contribuição fenícia e suas interações com diferentes culturas. Paralelamente, a construção ideológica da Amazônia é desvendada, revelando como mitos, estigmas e narrativas exploratórias europeias ecoaram por séculos nesse território.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi adotado o método dedutivo visando preencher lacunas referentes à interconexão entre os espaços em questão. A interdisciplinaridade surge como elemento relevante para o desenvolvimento da análise, incorporando diferentes perspectivas e disciplinas para uma compreensão mais ampla das narrativas culturais e históricas.

Com isso, o entrelaçamento entre mitos e narrativas históricas podem contribuir significativamente para o entendimento da riqueza e diversidade que compõem o tecido cultural e histórico dessas regiões específicas, bem como para o panorama humano em geral.

II. A “Ideia De Europa”¹: Do Mito A Concepção De Uma Realidade

A necessidade intrínseca da condição humana de estabelecer limites e demarcar espaços territoriais e ideológicos é evidente. As atuais divisões globais resultam desse impulso humano de nomear e restringir os movimentos de comunidades que historicamente praticavam deslocamentos constantes, exemplificado pelos beduínos, que, em busca de novos locais para pastoreio e períodos de estabelecimento, perpetuavam uma vida nômade. Além disso, esse impulso humano se manifesta na delimitação de territórios, culminando na formação de Estados e Nações, como testemunhado na Europa e posteriormente replicado pelo restante do mundo. Nesse contexto, ecoa a observação de Pagden (2002, p. 33) ao ressaltar que esse fenômeno é parte integrante da história humana,

A identidade da "Europa" sempre foi incerta e imprecisa, fonte de orgulho para alguns e de ódio ou desprezo por outros. Como todas as identidades, é uma construção, um palimpsesto elaborado de histórias, imagens, ressonâncias, memórias coletivas, tradições inventadas e cuidadosamente cultivadas. É também particularmente elusiva porque os continentes, muito mais que as nações, tendem a ser simplesmente expressões geográficas.

A visão de que a Europa é um produto da construção humana, moldada por diversos discursos ao longo da história, desafia a determinação precisa da origem do Continente Europeu devido aos discursos que remontam à história da humanidade. Os mitos gregos e greco-latinos destacam-se entre os discursos relacionados à produção do espaço e à formação da identidade europeia, desdobrando-se a partir de eventos históricos por meio de processos discursivos e dialéticos ao longo dos séculos. O discurso, como mediação linguística “entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15), desempenha um papel crucial, permitindo tanto a permanência e continuidade quanto o deslocamento e a transformação da existência humana. A dimensão simbólica do discurso é fundamental na produção da realidade humana, e seu caráter dialético é evidente, constantemente reafirmando-se por meio de discursos entrelaçados, como os mitos entrecruzados de raptos entre fenícios e gregos que justificam as desavenças entre essas duas cidades-estados, assim como os movimentos históricos subjacentes aos mitos.

A Europa, desde a formulação discursiva até os discursos que constroem outras realidades por meio da linguagem, mitifica e desmitifica a origem e a história de um grupo social ou até mesmo de um continente. Portanto, para abordar a invenção do Oriente, é necessário discutir a invenção do Ocidente, pois ambos constituem uma mesma unidade, a unidade dos contrários (COSTA, 2002). Nesse contexto, exploraremos brevemente a origem discursiva da Europa e as interações entre mito e história na formação das identidades do Continente Europeu.² Estabeleceremos um marco delimitador não apenas no sentido cronológico e espacial, mas

¹ Expressão utilizada por vários autores, dentre eles/as cita-se: Anthony Pagden, com o texto *Europa: conceptualização de um continente*, e Maria Manuela Tavares Ribeiro, com a obra *A Ideia de Europa: uma perspectiva histórica*.

² Primeiro não negamos os estudos culturais e não pensamos no termo “identidade” sob a perspectiva de uma homogeneidade, como algo imutável, nós reconhecemos e valorizamos a heterogeneidade cultural e identitária. Segundo, nossa proposta é investigar como os mitos e as narrativas históricas contribuíram na formação da Ideia de Europa, e concomitante a isso o engendramento de uma ordem discursiva, que inclui também, aspectos identitários. A investigação visa compreender de que maneira esses elementos discursivos influenciam e moldam as identidades no contexto europeu, reconhecendo a riqueza e diversidade presentes nesse complexo processo de construção identitária.

também por meio dos eventos míticos que se entrelaçam com a história narrada ao longo dos séculos, começando com o rapto de Io por comerciantes fenícios, desencadeando os subsequentes raptos, incluindo o de Europa pelos gregos e o de Helena pelos troianos. Este ciclo de raptos culminou na Guerra de Tróia, narrada por Homero na mitologia grega e por Virgílio nos mitos greco-romanos. Nesse sentido, de acordo com a mitologia

[...] Io, a jovem sacerdotisa de Argos, consagrada a Hera, e que Zeus amou, fazendo-a mãe de Épafo. É a esta mesma Io, que, apesar de metamorfoseada em vaca, a colérica deusa Hera perseguiu implacavelmente, lançando contra a mesma um tавão, que só a deixou em paz, quando Io atravessou o Bósforo (travessia da vaca) e ganhou o Egito. Lá, tocada por Zeus, deu à luz a Épafo. Este desposou Mênfis, filha do rio Nilo. Dessa união nasceu Líbia, mãe da raça de Agenor [pai de Europa] e Belo. (BRANDÃO, 1986, p. 259)

O mito primordial, oriundo da relação entre Zeus e Io, é crucial na formação da narrativa mítica que culmina no surgimento da Europa. Além disso, Heródoto (2006) destaca relatos históricos persas, como o rapto de Io pelos fenícios, divergindo das versões gregas. As narrativas alternativas, seja de rapto ou fuga de Io, desmitificam a história grega, sublinhando o início das hostilidades entre Grécia e Fenícia, marcando o segundo Rapto, protagonizado por Europa. A heroína Europa desempenha papel central em pelo menos cinco mitos distintos:

1. A filha de Ticio, que teve de Poseidon um filho chamado Eufemo (v. Eufemo);
 2. Uma das Oceânides, filha de Oceano e de Tétis;
 3. A mãe de Níobe. mulher de Foroneu;
 4. A filha de Nilo, uma das mulheres de Dánao;
 5. [...] a filha de Agenor e de Telefaassa, que foi amada por Zeus.
- (GRIMAL, 2005, p. 161)

Dos cinco mitos apresentados, o mais reconhecido é aquele do Rapto de Europa, que será utilizado como referência para dar continuidade à proposta de compreender a Invenção da Europa. É crucial ressaltar que esse mito em particular pode ser considerado como a primeira "Ideia de Europa", pois representa uma ligação imaginária entre o Oriente e o Ocidente. Agenor, o protagonista do mito, é identificado como o rei de Tiro ou Sídón em algumas versões (BRANDÃO, 1987), e em outras, como o Rei da Fenícia (GRIMAL, 2005), localizado no Mar Mediterrâneo. Este mito traz consigo a sugestão de deslocamento e movimentos sociais resultantes da busca por Europa, que será abordado mais adiante, contribuindo para a formação de novas cidades e vilas. Essa dinâmica colaborou para que as estruturas culturais e identitárias, em níveis micro e macro, entrassem em contato, dando origem a novas realidades por meio dos desdobramentos desse rapto.

Outro aspecto relevante derivado do mito em questão é a conexão divina de Europa com um dos três grandes deuses do Olimpo, visto que Agenor é um dos filhos de Líbia com Poseidon (BRANDÃO, 1987). Essa relação de parentesco reforça a ideia de que o mito de Europa é parte de um todo e, ao mesmo tempo, o todo de uma parte. Como afirmado por Hanna e Gomes (2015, p. 199), "cada mito é construído por outros mitos", e, portanto, um mito relatado sempre será parte de um todo maior, mesmo que possa ser compreendido e analisado de forma isolada. Assim, o mito do Rapto de Europa, ao se voltar para si mesmo, também representa um conjunto maior, incorporando outras figuras mitológicas na narrativa. Isso ocorre porque o mito, por si só, não existe isoladamente, sendo parte de uma teia complexa de narrativas. Ao considerarmos o Mito de Europa, ele representa tanto o todo cultural quanto uma parte desse todo, carregando consigo sua herança. Esse princípio de dicotomia é reflexo de uma realidade que já existia na Antiguidade Clássica, marcada por processos de invasões e conquistas, evoluindo ao longo dos séculos até as trocas culturais contemporâneas. É evidente que o Mito mencionado está intrinsecamente ligado à ideia de movimento do Oriente para o Ocidente, que tem início com o deslocamento "forçado" da heroína Europa, conforme descrito a seguir:

O pai dos deuses e dos homens a viu, quando se divertia com suas companheiras perto de Sídón ou de Tiro, onde reinava seu pai. Inflamado pela beleza da jovem princesa, o deus se metamorfoseou num touro de cintilante brancura e de cornos semelhantes ao crescente lunar. Sob essa forma, deitou-se aos pés da jovem fenícia. Foi um susto rápido. Recompondo-se, a filha de Agenor começou a acariciar o touro e sentou-se sobre seu dorso. De imediato, o animal se levantou e se lançou com ela no mar. Apesar do susto e dos gritos aterrorizados de Europa, que mal conseguiu equilibrar-se, segurando-lhe os chifres, o touro penetrou nas ondas e se afastou da terra. Tendo chegado à Ilha de Creta, uniram-se junto a uma fonte, em Gortina, sob plátanos, que, em memória desses amores, tiveram o privilégio de jamais perder as folhas. (BRANDÃO, 1986, p. 34)

De acordo com o trecho anterior, o deslocamento de Europa da Fenícia para a Grécia motiva seu pai, Agenor, que desconhece o paradeiro da filha, a convocar os irmãos de Europa para procurá-la, estipulando que só poderiam retornar caso a encontrassem (GRIMAL, 2005). Essa busca por Europa leva os filhos de Agenor, após um extenso período de procura, a estabelecer cidades, como exemplificado por Cadmo, que funda Tebas, inaugurando assim o ciclo tebano (GRIMAL, 2005). Brandão (1987, p. 35) relata: "Os três jovens partiram, mas ao perceberem que sua missão era infrutífera e incapazes de retornar à pátria, começaram a fundar colônias,

estabelecendo-se na Cilícia, em Tebas, em Basos, na Trácia...", evidenciando mais uma vez a ideia de mobilidade e expansão do mundo fenício, expressas pela narrativa mítica, delineando as fronteiras das terras desse povo. Vale ressaltar que, durante a jornada dos filhos de Agenor, assim como em outros processos de deslocamento entre os comerciantes fenícios e gregos, percebe-se que a troca cultural é determinada pelo cotidiano dos povos daquela época, como enfatiza Buchabqui (2011), destacando a relação comercial entre fenícios e gregos, assim como outros povos.

Seguindo o mito grego do Rapto de Europa, não se pode deixar de mencionar a representação de Zeus metamorfoseado em touro, que, segundo Brandão (1987, p. 35), simboliza "o poder e o arrebatamento irresistível". De acordo com a narrativa, Zeus assume a forma de um touro, incorporando a representatividade de seu poder, aspecto que eventualmente se integra à formação do Continente Europeu como centro do Ocidente. É perceptível que a intervenção humana se manifesta de várias maneiras, desde a tentativa de explicar a existência ou origem de uma nação ou continente até a sua concepção como realidade construída, uma vez que o mito desencadeia uma sequência de eventos que resultam na fundação de novas cidades e estados, não apenas na região conhecida como Europa, mas também no Mediterrâneo e áreas adjacentes.

O conjunto apresentado oferece uma breve análise sobre a possível origem do nome Europa e sua representatividade como base para a instituição de uma região com o mesmo nome. Surge aqui uma dicotomia a partir do Rapto de Europa, em que a Europa mítica representa um todo cultural intrinsecamente ligado a si, bem como parte de um todo global. No entanto, como em todo mito, existem outras versões, e, neste caso, é crucial explorar a compreensão da Europa em suas origens e sua relação com o Oriente, retomando a versão persa do Rapto de Europa.

Na perspectiva persa, o Rapto de Europa vai além da representação mítica de Zeus. Para eles, Europa, filha de Agenor, é sequestrada pelos gregos, resultando em uma quebra discursiva que desmistifica os cantos épicos em prol dos fatos históricos, sem negligenciar elementos das narrativas gregas. Esse relato é derivado da pesquisa historiográfica realizada por Heródoto de Halicarnasso (2006), que menciona em sua escrita que, segundo os persas, a rivalidade entre gregos e bárbaros (os fenícios) teve início com uma série de raptos liderados pelos fenícios (na região do Mediterrâneo, atual Líbano), incluindo o rapto de Europa.

De acordo com Heródoto (2006), quatro raptos ocorreram com base nos relatos persas. Tudo começa com o rapto de Io, filha do rei Inaco de Argos, e suas companheiras, por comerciantes fenícios, que as conduzem para o Egito. Isso marca o início de uma sequência alternada de raptos, incluindo o de Europa, onde, desta vez, Zeus não está envolvido, mas sim gregos que a levam para a cidade de Creta, desmitificando o mito grego anterior. O próximo rapto, conforme os escritos de Heródoto (2006), envolve Medéia, filha do rei de Cólquide, encerrando a série com o rapto de Helena por Alexandre, filho de Príamo, rei de Tróia. Esse conjunto de raptos culmina na famosa Guerra de Tróia (HARTOG, 2003, p. 15), a primeira grande guerra entre o Ocidente e o Oriente na antiguidade clássica, com base nos relatos persas de Heródoto de Halicarnasso (2006).

Até agora, observa-se que tanto o mito grego do Rapto de Europa quanto as fontes históricas de Heródoto (2006) convergem para a origem das desavenças entre Europa e Ásia, Ocidente e Oriente. Embora não tenham sido abordados os mitos gregos relacionados às outras personagens destacadas por Heródoto (2006) nos relatos persas, o foco é estabelecer um parâmetro para a origem da criação do Continente Europeu. Importante notar que as figuras femininas representam uma conexão entre o Ocidente e o Oriente em termos de rivalidades, um tema que será retomado ao discutir o Oriente Médio posteriormente.

Da mitologia que permeia a origem do nome do Continente Europeu aos eventos históricos apresentados por Heródoto, torna-se evidente que o mito, embora presente, nunca está separado das ações humanas. O desejo humano de criar, definir e nomear permanece constante, seja para estabelecer uma ligação divina por meio dos mitos ou para justificar ações políticas e territoriais ao longo dos séculos. Destaca-se que a figura da heroína Europa tem sido explorada por pesquisadores para estabelecer uma conexão com os primórdios da "Ideia de Europa". No entanto, é crucial desmitificar a ideia de um único mito associado ao nome Europa, reconhecendo a contribuição de diversos mitos e fatos históricos delineados acima para a ruptura entre gregos e fenícios, representando o Ocidente versus o Oriente. Um exemplo interessante é o relato fenício sobre o rapto de Io, em que a perspectiva difere da versão persa, indicando que Io partiu com os fenícios por consentimento próprio.

Apesar da complexa relação entre mito e realidade, é fundamental destacar a continuidade dos eventos com a Guerra de Tróia, que marca o ápice da rivalidade entre gregos e fenícios. A fuga dos troianos liderados por Enéias em direção à atual Itália é um ponto crucial. Essa guerra, narrada por meio de mitos, lendas e história, sinaliza o início da rivalidade entre Gregos, representando o Ocidente, e Fenícios, representando o Oriente. A narrativa prossegue com a fundação de Roma por Enéias, um momento que envolve a continuidade de mitos e a manipulação da história para mascarar a verdadeira origem de Roma, estabelecendo-a poeticamente como resultado de uma guerra entre troianos e latinos. A união entre Lavínia e Enéias, narrada por Virgílio, dá origem a novos mitos, como o de Rômulo e Remo, que não será abordado aqui. No entanto, é importante reconhecer que, por trás dos mitos e metamorfoses, a manipulação humana sempre desempenha um papel

significativo na interpretação dos eventos, seja mitológica ou historicamente. Essa prática continua até os dias atuais, em que o discurso, seja mítico ou histórico, literário ou factual, carrega sempre uma carga política, refletindo a necessidade humana de “retratar” e descrever suas ações.

O anseio por influenciar o curso da história se revela quando se retrata o outro, priorizando suas necessidades, como acontece entre troianos e latinos. Os latinos acolhem os troianos, entretanto, estes últimos, exceto por seus deuses, precisam adotar os costumes e tradições latinas, incorporando um senso de pertencimento às novas terras e adaptando-se. Assim se inicia a intervenção humana, mais uma vez, moldando, reproduzindo e transformando aquilo que não concordam em algo que lhes seja mais palatável. A ascensão do Império Romano segue essa dinâmica, sendo através dele que a Europa é configurada, tornando Roma a verdadeira forjadora da 'Europa', destituindo-se de sua herança asiática associada a mitos, lendas e à própria história. Quanto à referência à promoção da Europa como espaço territorial, Heródoto (2006, p. 323) destaca, em seus escritos, não apenas a Europa raptada por Zeus metamorfoseado em touro, mas também como uma região circundada ou não pelo mar: "Quanto à Europa, não me parece que alguém haja, até aqui, descoberto ser ela cercada de mar a leste e ao norte." O território mencionado corrobora a existência de uma área correspondente ao atual Continente Europeu, delimitada pelas demarcações geográficas humanas. Outra alusão ao fato de a Europa ser um espaço territorial é apresentada por Pereira (2015, p. 149), ao analisar a origem do termo Europa e resgatar dois versos do Hino Homérico a Apolo: "Quantos senhoreiam o fértil Peloponeso / E quantos moram na Europa e nas ilhas cercadas pelo mar." e, em um segundo momento, na 4ª Ode Nemeia de Píndaro: "Mas não se pode atravessar para além de Cádiz, para as trevas. / Volta ao contrário as velas do navio, em direção à Europa, à terra firme." Com base nos trechos recuperados por Pereira (2015), evidencia-se que os greco-romanos já consideravam a Europa como um espaço territorial por volta de 585 a.C. e 473 a.C.

Existe uma delicada e conflituosa linha no processo descritivo da invenção da Europa, pois os mitos se entrelaçam e se entrecruzam com outros mitos, enquanto a história se desenrola a partir das ações humanas representadas por esses mitos. Esse conflito fundamenta-se na ideia de que a concepção e invenção da Europa estão vinculadas a elementos míticos no âmbito divino e a eventos históricos no campo das ações humanas. Surge a questão de qual abordagem está mais próxima daquilo que enxergamos como realidade: as narrativas míticas ou históricas? Pode-se argumentar que essas narrativas são complementares, pois, embora sigam caminhos distintos, retratam as mesmas ações humanas. Uma delas se baseia na intervenção divina como causa primordial, enquanto a outra se fundamenta na ação humana como a principal responsável. O discurso atua como um fio condutor das fontes, representando os desejos humanos, que buscam tanto o sobrenatural quanto a criação e transformação do ambiente para superar as divindades. Um exemplo disso é a obra de Virgílio, que delimita a origem de Roma e o desejo de romper com suas conexões fenícias e bárbaras. Observa-se evidência de que, em encontros culturais sujeitos a processos de aceitação e supressão, a ideia de uma troca equitativa nem sempre se concretiza nos desígnios humanos. Com a fundação de Roma e sua expansão territorial, que a elevou à categoria de Império, propagou-se uma cultura antropofágica que consumia tudo em seu caminho. À medida que conquistava novos territórios por meio de seu poder militar, impunha uma realidade fundamentada nos desígnios do Império, muitas vezes divergentes dos anseios locais, como evidenciado nas conquistas tanto do Ocidente quanto, principalmente, do Oriente. A expansão do Império Romano trouxe consigo a persistência dos mitos na narrativa da história, até que o Cristianismo emergiu no Oriente Médio, marcando uma transição na realidade tanto humana quanto imperial. A assimilação e ocidentalização do Cristianismo substituíram os mitos greco-romanos, moldando uma nova identidade europeia que se desenvolveu ao longo do tempo nas regiões sob o domínio ou influência do Império Romano.

A trajetória apresentada até o momento evidencia que as origens do atual Ocidente estão profundamente ligadas ao Oriente, desde os mitos primordiais até a consolidação do Cristianismo como fator preponderante no processo de ocidentalização. Essa influência moldou a Europa, estabelecendo-a como uma fonte da verdade absoluta, fundamentada nos ideais cristãos que permearam a região por séculos. Vale ressaltar que o Ocidente não se resume a uma mera expressão geográfica ou documental; é um produto complexo originado de um contexto imerso no cotidiano moldado por antepassados, cuja presença ainda perdura na contemporaneidade, manifestando-se através do discurso colonialista que persiste. Essa cultura não se manifesta de maneira aleatória, mas decorre das práticas religiosas, estabelecendo uma ruptura entre as concepções cristãs e outras crenças. Tudo aquilo que não se alinha com as ideias cristãs é categorizado como bárbaro, como os orientais eram percebidos, ou destituído de alma, como os indígenas das Amazônias e da América Latina eram considerados.

Dessa maneira, a Europa se revela como um produto forjado a partir de mitos, sendo uma "invenção cultural" cujas raízes remontam ao antigo mito do rapto de Europa (ROCHA, 2004, p. 12). Este processo histórico inclui a célebre Guerra de Tróia, a formação de Roma e o estabelecimento do Império Romano, que adotou o Cristianismo como sua religião oficial, gerando uma Europa moldada ao longo das gerações em contraste com a Ásia, embora deva suas origens históricas a este continente (PAGDEN, 2002, p. 35).

Se a Europa viveu, durante séculos, uma oposição à Ásia, e suas origens provêm da Ásia, nada mais natural do que resgatar aqui a região asiática que deu origem a todo o processo de formação da Europa. Essa região abrange o Mar Mediterrâneo, conhecida hoje como Oriente Médio, mais precisamente a região da Fenícia, localizada no atual Líbano. Este país é não apenas visto como o herdeiro do povo Fenício, mas também representa a porção mais ocidental do Oriente Médio. Em outras palavras, trata-se de uma troca equivalente ou de um processo colonial que impôs culturas e costumes, amalgamando-os à própria cultura local.

III. As 1001 Noites: Um Olhar Para A Formação Do Mundo Árabe-Libanês³

A análise da seção anterior revela que a formação e o desenvolvimento de sociedades estavam inicialmente ligados a desígnios divinos para explicar eventos históricos resultantes da ação humana. O foco anterior foi compreender a "invenção da Europa" ou a "Ideia de Europa". Agora, voltamos nosso olhar para a origem e desenvolvimento do povo árabe, especialmente o povo libanês, cuja ligação com a formação e/ou a Ideia de Europa remonta às ações alternadas de raptos entre Fenícia e Grécia, sendo a Fenícia a região libanesa atual.

É crucial destacar que todo o processo de desenvolvimento social e suas rupturas ao longo do tempo têm origens estabelecidas pelo homem. Ao falar da origem ou renovação de um povo, é necessário retroceder no tempo, resgatar as heranças que perduraram ao longo dos séculos e compreender a formação ou reinvenção do espaço que deu origem a toda uma sociedade. No Oriente Médio, compreender essa premissa é fundamental, pois a região moldou-se ao longo dos séculos, desde os tempos da antiga Fenícia até o Líbano atual, passando por várias transformações socioculturais que contribuíram para a identidade do povo árabe e a formação dos espaços ocupados por eles.

Ao revisitar a história, iniciamos com a formação do povo árabe para melhor compreender as dinâmicas da região. Esse entendimento é crucial para analisar como a cultura e a identidade libanesa foram construídas e alicerçadas ao longo do tempo. O foco desta pesquisa está no povo libanês, tomando a Fenícia como base inicial, abrangendo a região litorânea do Líbano, desde a colonização otomana e europeia até os dias atuais. Ao seguir esse percurso, buscamos compreender as motivações dos processos migratórios/diaspóricos dos libaneses que se dispersaram pelos continentes, estabelecendo raízes superficiais antes de aprofundá-las definitivamente.

De Fenícios A Libaneses: “Uma Terra De Mil Senhores⁴”

Para abordar a influência libanesa na região amazônica, é crucial compreender, em primeiro lugar, quem são os libaneses. Isso implica conhecer a origem e o desenvolvimento desse povo desde sua gênese. O Líbano, inicialmente habitado pelo povo fenício, destaca-se por sua vasta diversidade cultural, religiosa e natural, resultante de sua localização geográfica e história. Os fenícios, reconhecidos como hábeis navegadores, são notáveis por terem criado o alfabeto fonético com 22 símbolos, que serviu de base para o alfabeto grego e, consequentemente, para o alfabeto ocidental (SILVA, 2016).

Assim como em outras regiões, a formação de um Estado/Nação no Oriente Médio envolveu o agrupamento e organização de povos em tribos e vilas. A história do Líbano inclui uma diversidade de conquistadores que moldaram sua cultura, com destaque para o avanço no comércio marítimo e na organização sociopolítica. Este relato abrange desde as bases da formação da Fenícia até os dias atuais, marcando as diferentes fases de colonização na região.

Os primeiros vestígios de colonização no Líbano remetem ao processo migratório dos Cananeus, um povo semita e nômade, também conhecido como beduínos. Por volta de 3.000 a.C., os Cananeus deixaram a Península Arábica de Bekaa, atualmente conhecida como Vale de Bekaa, em busca de terras férteis, estabelecendo-se no litoral do Mediterrâneo na região do Levante⁵, conforme destaca Buchabqui (2011). A presença dos Cananeus na Bacia do Mediterrâneo permitiu o comércio com os gregos, impulsionando o desenvolvimento da navegação e ampliação dos conhecimentos mercantis pelos mares mediterrâneo e adjacentes (BUCHABQUI, 2011). Os gregos, influenciados pela cor púrpura presente nos tecidos cananeus, passaram a chamá-los de fenícios⁶ (phoinix).

³ Emprego a designação "árabe-libanês" nesta seção para abordar a construção dos países árabes e focalizar especialmente na constituição do Líbano.

⁴ Expressão utilizada por Meihy (2018, p. 30) para representar os vários conquistadores que dominaram aquela região.

⁵ Corresponde hoje as regiões do Líbano, Síria e Palestina, autores como Meihy (2018) apresenta a região de Israel no lugar da Palestina.

⁶ Segundo Buchabqui (2011) “[...] significa vermelho púrpura nos tecidos, a mais importante indústria dos fenícios.”

Mas por que essa incursão histórica, se o foco da pesquisa é a presença do povo libanês na Amazônia? A resposta a essa indagação pode ser abordada de diversas maneiras, mas é mais coerente afirmar que compreender a estrutura cultural e as tradições de um grupo social requer o conhecimento de suas origens. Nesse contexto, conhecer a origem da nação libanesa e de seu povo oferece uma melhor compreensão de como os libaneses reagem a novas situações, como sua presença na Amazônia a partir do século XIX. Portanto, prosseguiremos com esse resgate histórico, fornecendo uma base sólida para compreender a formação cultural e os múltiplos conhecimentos adquiridos ao longo da história, marcada pela presença de diversos conquistadores naquela região, que, como diz o ditado, é "uma terra, mil senhores"⁷.

A necessidade de se ajustar às investidas dos impérios dominantes na região impulsionou os fenícios a se tornarem comerciantes versáteis. Nesse contexto, a presença de diversas culturas levou-os a adotar uma postura de aceitação e assimilação, resultando no enriquecimento mútuo de conhecimentos. Essa atitude de receptividade permitiu que os fenícios absorvessem contribuições dos dominadores, fortalecendo e diversificando sua própria cultura. Da mesma forma, os colonizadores, ao interagirem com os fenícios, também absorveram e incorporaram os conhecimentos desta civilização. Essa troca cultural ocorreu de maneira colaborativa, onde os povos envolvidos, ao invés de resistirem, aceitaram e incorporaram aspectos positivos uns dos outros, criando uma dinâmica de enriquecimento mútuo que tornou a região alvo de diversos interesses e conquistas.

Assim, é possível afirmar que a interação promovida pelos Cananeus, também conhecidos como Siro-canaanitas, inicialmente por meio do comércio, desempenhou um papel significativo na formação da cultura e identidade dos povos que passaram a residir na região costeira do atual Líbano e parte da Síria. É importante destacar que, após a Idade do Bronze e sucessivas invasões, o comércio marítimo continuou a ser a atividade predominante na região, gerando uma notável diversidade cultural. Os Siro-canaanitas, além disso, foram influenciados por outros grupos, como egípcios, egeus, mesopotâmicos, sírios e cipriotas, com os quais mantiveram relações comerciais ao longo de séculos⁸. Isso resultou em um rico intercâmbio cultural entre diferentes povos e sociedades, transformando a região em um centro relevante de crescimento sociocultural para a época. Conforme apontado por Buchabqui (2011, p. 47), "O Oriente Médio é o berço da humanidade, de onde emanaram conhecimentos sobre agricultura, domesticação de animais, a roda, a invenção da escrita (cuneiforme e hieróglifos), irrigação, os primeiros códigos e significativas contribuições para a arquitetura". Assim, evidencia-se que a região do Oriente Médio é rica em diversidade cultural e realizações que fundamentam diversas atividades humanas. Vale ressaltar que não se trata da origem do Ocidente, fundamentada na Grécia, mas sim de ressaltar a importância da região mencionada e propor uma reflexão sobre a influência dos conhecimentos árabes daquele período, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento atual.

É relevante notar que, apesar do progresso alcançado, as cidades fenícias não escaparam das numerosas invasões provocadas por diversos povos. No entanto, conseguiram resistir às investidas dos colonizadores/conquistadores, não por serem um povo poderoso, mas devido à habilidade como comerciantes e à capacidade de negociar seus produtos e manter sua independência mesmo sob o domínio de outros povos.

Nesse contexto, vale ressaltar que a primeira invasão ocorreu durante o século XIV a.C., quando os hititas invadiram vindo do norte. Após essa invasão, outros povos como arameus, hebreus e filisteus seguiram, e simultaneamente, surgiram os primeiros registros de escrita alfabética em Ugarit (BUCHABQUI, 2011, p. 47). Assim, embora os gregos tenham influenciado nosso alfabeto, foi graças aos fenícios que propuseram uma estrutura alfabética que os gregos adotaram e aprimoraram para o uso no ocidente.

Mesmo diante das invasões mencionadas, a Fenícia permaneceu resiliente, atingindo seu auge entre 1200 e 900 a.C., quando começou a estabelecer colônias em todo o Mediterrâneo. Tornaram-se especialistas em navegação e comércio, com destaque para cidades como Arado, Trípoli, Jebail, Berito, Sidon e Tiro, além da significativa Cartago, fundada em 814 a.C. (BUCHABQUI, 2011, p. 48), todas situadas no litoral do atual Líbano, algumas das quais ainda existem, preservando os mesmos nomes, como Trípoli, Sidon e Tiro.

Ao direcionarmos nosso olhar para a história mais recente, a figura do mascate se destaca no final do século XIX e início do século XX, quando muitos sírio-libaneses migraram para o Brasil como comerciantes, introduzindo uma nova perspectiva e uma abordagem mais flexível nos negócios, como será explorado posteriormente. Essa representação clara do mascate reflete habilidades que possivelmente se originaram de sua herança fenícia, uma vez que os fenícios eram naturalmente comerciantes.

É importante notar que o comércio fenício durante seu período áureo não se restringia apenas às vendas, mas também envolvia o escambo e a troca de produtos, adotando tudo o que pudesse impulsionar e dinamizar o mercado. Essa prática é espelhada na figura do mascate, ou mais especificamente, do regatão que navegava pelos rios amazônicos.

⁷ Expressão utilizada por Meihy (2018, p. 30) para representar os vários conquistadores que dominaram aquela região.

⁸ Puckett (2012, p. 03)

É evidente que uma região que valorizava o comércio e a navegação como elementos culturais e identitários atrairia o interesse de outros povos ou civilizações que almejassem dominar a área e aproveitar seus costumes e lucros. Dessa forma, deram-se início aos "desfiles de civilizações" (MASOUR CHALITA, 1976 apud BUCHABQUI, 2011, p. 48) que perpassaram a região. O primeiro desses desfiles foi liderado pelo Império Assírio entre os séculos X e VI a.C. Embora não possuíssem o poder militar para assegurar sua independência, os fenícios conseguiram manter um certo grau de autonomia por meio do pagamento de tributos, direcionando seu foco para a exploração marítima e comercial de forma mais acentuada (MEIHY, 2018). A presença do Império Assírio obrigou o povo fenício a transcender seus limites para manter a autonomia do Estado na região, através de um processo de "subordinação negociada", diferenciando-se assim de seus vizinhos, como a Judeia, que foram incorporados pelo Império.

Após a queda do Império Assírio durante o reinado de Assurbanipal, subjugado pelo Império Babilônico sob Nabucodonosor, os grandes negociantes adaptaram-se à situação, mantendo um processo quase autônomo. Durante o reinado do Império Babilônico, que perdurou um século (do VI ao V a.C.), a Babilônia transformou-se em um renomado centro cultural do Oriente Médio antigo, resultado de negociações com os Fenícios, envolvendo exploração marítima e a escravização dos hebreus.

Com a decadência do Império Babilônico, o Império Persa invadiu e conquistou a região no século V a.C. Os Fenícios, mantendo-se firmes mais uma vez, contribuíram para o sucesso persa por meio de seus conhecimentos de navegação e atividades marítimas. O império persa estabeleceu relações benéficas com os fenícios, visando apoio em sua expansão em direção à Grécia, aproveitando os conhecimentos e a frota marítima fenícia. Ciro II foi visto como um salvador, libertando a região do domínio babilônico.

A visão de dominação que se expandiu pela região revela um discurso colonialista, seja pela força, impostos ou pela "salvação". Mesmo que acordos aparentemente benéficos fossem apresentados, era claro que os benefícios favoreciam mais quem dominava do que quem era dominado. No entanto, esses acordos possibilitaram às cidades-Estados da fenícia "[...] não apenas a sobrevivência de seu patrimônio cultural, mas também permitiu que as contribuições de sua civilização fossem levadas para outros rincões do Império Persa, espalhando a influência cultural dos fenícios no mundo antigo" (MEIHY, 2018, p. 31).

No século III a.C., o Império Persa perdeu terreno para o Império Macedônico, liderado por Alexandre III, que iniciou um processo de expansão territorial. Enfrentando as cidades-Estados da Fenícia e reconhecendo a força militar marítima, Alexandre lançou uma investida e conquistou o estado fenício, exceto Tiro, que resistiu por sete longos meses no episódio conhecido como "Cerco de Tiro" em 332 a.C., levando Alexandre III a deslocar uma considerável parte de seu exército para capturar a cidade. (MEIHY, 2018, p. 31) O domínio do Império Macedônico perdurou até o século I d.C., quando o Império Romano entrou em cena. Pompeu, em 63 a.C., conquistou o Oriente Médio, incorporando "a Síria, a Antioquia, a Palestina e a Fenícia (embora as principais cidades fenícias mantivessem seus governos e territórios). As montanhas, anteriormente desabitadas, passaram a abrigar vilas e templos romanos." (BUCHABQUI, 2011, p. 50).

Durante o domínio do Império Romano, é sob o governo de Teodósio II (401-405) que o termo Líbano ganha destaque, sendo proclamado como Phoenícia Libanesia (Líbano). Contudo, é importante observar que com a chegada do Império Romano, a língua fenícia deixa de existir, cedendo lugar a "ao aramaico (a língua do povo), ao grego (língua da cultura e do comércio) e ao latim (falado pelos soldados e funcionários públicos)" (BUCHABQUI, 2011, p. 50).

Com a presença do Império Romano, que transfere sua sede para Bizâncio nos séculos IV a VII d.C., sendo rebatizada por Constantino como Constantinopla, é nesse momento que a religião cristã começa a permear todo o território fenício. Outro evento significativo ocorreu quando

[...] as terras libanesas foram incorporadas rapidamente a Roma, produzindo prosperidade material e cultural nas antigas cidades-Estados dessa região. O caso mais emblemático é a construção da Escola de Direito Romano Clássico de Beirute, um projeto grandioso que visava retirar das antigas cidades fenícias de Tiro, Sidon e Biblos a liderança administrativa regional do império e confiá-las a um novo centro urbano. (MEIHY, 2018, p. 32)

Percebe-se que a intervenção ocidental no Oriente Médio, visando estabelecer um único núcleo governamental, proporcionou benefícios tanto nos aspectos culturais quanto materiais. No entanto, é crucial ressaltar que a região já possuía sua própria estrutura governamental, cujos reflexos negativos a partir dessa polarização e organização territorial se manifestaram séculos depois. Um dos motivos pelos quais o processo migratório a partir do século XIX ganha ênfase será destacado mais adiante.

Apesar de todo o progresso material e cultural na região, durante o século VII d.C., a presença dos muçulmanos, especificamente os Omíadas e Abássidas, resultou na rápida conquista de várias cidades, incluindo "Damasco (635), Hama, Beirute, Sidon, Tiro, Jerusalém (636), Alepo, Homs, Baalbek (637), Antioquia (638)" (BUCHABQUI, 2011, p. 51). Esse processo de dominação ignorou os antigos dominadores persas e bizantinos, estabelecendo uma nova ordem na região.

Sob o domínio dos Omíadas e posteriormente dos Abássidas, a política governamental incentivou muitos a se estabelecerem na região da Montanha, no Líbano, como forma de escapar da opressão dos grupos dominantes. Isso resultou na acolhida de refugiados "independentemente de suas religiões, raças ou ideologias, características que nunca mais a abandonaria", formando o atual mosaico de culturas, religiões e identidades presente no Líbano (BUCHABQUI, 2011, p. 51), tornando-o um país multicultural, religioso e étnico.

Contudo, conforme é comum, o domínio da dinastia Abássida, que sucedeu os Omíadas, mostrou sinais de fraqueza. O reinado dos Abássidas fragmentou-se por meio das soberanias regionais, levando a uma instabilidade política. Entre os séculos XI e XIII, os Cruzados invadiram a região, partindo da Cecília e Espanha até o Oriente Próximo, evidenciando a fragilidade do Mundo Muçulmano devido às guerras internas. Os Cruzados chegaram à Região do Levante em 1096, estabelecendo-se no território libanês durante o século VII com a assistência dos cristãos maronitas.

A empreitada dos Cruzados teve altos e baixos, com conquistas e perdas, conforme descreve Buchabqui (2011, p. 53):

As guerras que se seguiram trouxeram ruínas e destruição. Philip Hitti em seu livro 'Lebanon in History', dá-nos a seguinte visão de Sidon. "Em 1107, a cidade comprou sua imunidade dos Cruzados que a cercavam. Tomada por Balduíno I em 1111, desmantelada por Saladino em 1187, reconquistada pelos Cruzados em 1197, recapturada e destruída pelos muçulmanos no mesmo ano, reconstruída pelos francos em 1228, devastada de novo em 1249, tomada e restaurada mais uma vez por Luís IX em 1253, assolada pelos mongóis em 1260, passou definitivamente às mãos dos muçulmanos em 1291 sob Al-ashraf, que a arrasou." Em 1291, após muita luta, os cruzados foram definitivamente derrotados e expulsos pelo sultão mameluco Qalaum.

Com base no trecho anterior, é possível observar que a área do Oriente Médio, especialmente o Líbano, experimentou diversas transformações nos âmbitos político, social, cultural, religioso, entre outros. Essas mudanças contribuíram para a formação de laços e estruturas organizacionais entre o povo árabe-libanês. No entanto, é importante destacar que o processo de ocupação ainda não estava concluído, uma vez que estava prestes a enfrentar a influência de um grande império que viria a dominar a região: o Império Otomano.

Antes da ascensão do Império Otomano, a região ainda enfrentava um novo desafio com a invasão dos mamelucos, conforme descrito a seguir:

Os mamelucos no Séc. XIV, eram escravos turcos que o Egito havia comprado e incorporado aos seus exércitos. Dominaram o Egito e, depois dos cruzados, dominaram o Oriente Médio. No século XIV estavam no auge do seu poder. Dominaram a Síria, o Líbano e a Palestina então divididos em 6 províncias. Para evitar tentativas de rebeliões, dividem o Líbano entre 3 dessas províncias. (BUCHABQUI, 2011, p. 54)

De acordo com o trecho mencionado, a estratégia de subdividir a região em províncias foi crucial para os mamelucos manterem o poder, impedindo que as Cidades-estados promovessem rebeliões contra a ordem política. Além disso, os mamelucos empreenderam a destruição dos portos do Líbano, garantindo que o comércio estivesse subordinado à política do dominador (BUCHABQUI, 2011).

Contraopondo-se aos mamelucos, emerge o Império Otomano como o último império a se estabelecer naquela região. A partir desse império, o Oriente Médio assume novas configurações, com novas facetas relacionadas ao governo otomano, que perdurou de 1516 a 1914, marcando o fim da instituição de uma área pertencente à Grande Síria e, posteriormente, Síria e Líbano.

Até o momento, é possível perceber que a sociedade que habitava a região dos fenícios teve diversos senhores de diferentes civilizações, alguns proporcionando maior conforto e tranquilidade sociocultural do que outros, mas sempre com o comércio e a navegação como atividades primordiais. Associada aos aspectos socioculturais, a dimensão religiosa também esteve presente, com o Cristianismo e o Islã coexistindo na Península Arábica e regiões vizinhas. Apesar de o Cristianismo ter se originado na Península Arábica, foi o Islã que dominou toda a região do Oriente Médio, estendendo-se até a África e a Ásia, do século VII ao século XIV (EL-MOOR, 2019).

No contexto desse processo expansionista do Islã, mesmo com o surgimento de califados insurgentes e rivais no Egito e na Espanha durante o século X, a unidade social e cultural ligada à expansão islâmica continuou a se fortalecer. Mesmo com comunidades judaicas e cristãs presentes, "a língua árabe difundiu-se e tornou-se o veículo de uma cultura que incorporava elementos das tradições dos povos absorvidos no mundo muçulmano, e manifestava-se na literatura e em sistemas de lei, teologia e espiritualidade." (HOURANI, 2006, p. 17). Esse cenário transformou a região em um centro de crescimento cultural, ampliando o território para parte da África e da Ásia, abrangendo os territórios do

Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia (ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente árabes), Egito, Sudão (parcialmente muçulmano arabizado e parcialmente africano, negróides nilóticos e animistas), Arábia Saudita, República Árabe do Iêmen, República Democrática Popular do Iêmen, Mascate e Omã (ex-sultanato), os Emirados Árabes Unidos, Iraque, Síria, Líbano, Jordânia, Koweit, e, como um caso à parte, em litígio, a Palestina representada pelo movimento contestatário anti-sionista dos palestinos. (LINHARES, 1992, p. 19)

A organização política mencionada representa uma estrutura contemporânea, cuja formação teve início durante a decadência do Império Otomano. Os eventos marcantes desse período incluem a separação do território libanês da Síria e a subsequente conquista da independência política e territorial pelos Estados Árabes Contemporâneos. A criação desses Estados, conforme conhecemos hoje, foi precedida por séculos de expansão do Islã e pelo estabelecimento do Império Otomano, desempenhando um papel significativo na ordem mundial ao unificar tribos nômades e conquistar territórios sob sua tutela. Essa transformação dos povos nômades em um estado político teve impacto nas rotas comerciais, criando obstáculos para os negócios europeus com as Índias e outras regiões. A dominação otomana sobre o Mar Mediterrâneo, evidenciada pelo confronto que obrigou os espanhóis a buscar rotas alternativas, inclusive com os portugueses, motivou a exploração de novas rotas para as Índias. Esse contexto gerou uma reavaliação das relações europeias com a região, impulsionando a busca por rotas alternativas.

O Estado Otomano surgiu a partir de principados turcos, originando os turcos-otomanos. Conforme Nasser-Eddine (2003), o Império Otomano exerceu domínio sobre a maior parte do mundo árabe entre meados do século XIV e meados do século XVII, sendo que as decisões eram tomadas nos principados turcos-otomanos. Vale ressaltar que “[...] existiam regiões autônomas locais limitadas, como no Egito e na Síria, que se desenvolveram em agrupamentos territoriais de poder e, em alguns casos, testemunharam o surgimento de movimentos nacionalistas árabes influentes”. (NASSER-EDDINE, 2003, p. 19, tradução nossa)⁹.

A ocupação territorial empreendida pelo Império Otomano foi sistemática, abrangendo regiões como:

Argélia foi absorvida em 1520, Tunísia em 1574, Damasco em 1516, enquanto Bagdá não foi integrada ao Império até 1638. O controle otomano variou de região para região. Por exemplo, a ocupação otomana durou pouco no Egito, mas permaneceu em Al Mashreq, excluindo Bagdá, por quase quatro séculos. As províncias otomanas tiveram que se reportar diretamente a Istambul e foram deliberadamente isoladas do mundo exterior. Como a colonização europeia, a ocupação otomana variou: desde o controle direto (as províncias sírias de Aleppo, Damasco e Trípoli; Jerusalém e Hebron em Israel, Sidon no Líbano; as províncias Bagdá do Iraque, Basra e Mosul, e Egito, particularmente o Cairo); até o controle indireto, que foi mais notável no início do século 16 (Egito, Hijaz e Jeddah, Iêmen, Tunísia, Argélia, e em anos posteriores Trípoli, montanhas Kabylia, Saara, oásis de Mzab). (NASSER-EDDINE, 2003, p. 19-20, tradução nossa)

Apesar do vasto território sob domínio dos turcos-otomanos, o sistema político não era fundamentado em uma política de governo universalmente aceita. A diversidade na estrutura de governo dos otomanos gerava inconvenientes, uma vez que os territórios ocupados abrigavam uma mistura de povos, línguas e culturas, distintas da grande maioria. Os grupos tribais, regidos por suas próprias leis, políticas e culturas, contribuíam para essa diversificação. Esses desdobramentos tribais são caracterizados pela denominação específica de "povos árabes" ou "mundo árabe", conforme a etimologia apresentada por Linhares (1992, p. 18).

[...] a palavra árabe significa "nômade que vive sob a sua tenda no deserto". Conseqüentemente, ela diz mais respeito a um gênero de vida e de organização social do que a uma língua e, menos ainda, a uma raça. Na própria península arábica, variada é a origem dos grupos humanos que a povoam. A própria língua árabe, que se difundiu, arabizou populações e gerou mais arabizados do que árabes propriamente. ditos, povos que passaram a se identificar pela língua, pela religião e pelos hábitos sociais.

A citação destaca uma perspectiva intrigante sobre a palavra árabe, revelando que seu significado vai além de uma mera designação linguística ou racial. Ao sugerir que "árabe" se refere mais a um estilo de vida e organização social associados aos nômades do deserto do que a uma língua específica ou a uma raça distinta, a passagem destaca a complexidade e a variabilidade das origens dos grupos humanos na península arábica. A observação de que a língua árabe, ao se difundir, arabizou populações e gerou mais arabizados do que árabes propriamente, ressalta a natureza dinâmica e influente da língua e da cultura árabes. Além disso, a ideia de povos que se identificam pela língua, religião e hábitos sociais destaca a interconexão desses elementos na formação da identidade árabe, sublinhando a riqueza e a diversidade cultural dessa região.

É evidente que isso é apenas um dos pontos que podem ser feitos, mas é crucial ressaltar que a palavra árabe "carrega um conjunto de significados e representações sociais que muitas vezes podem adquirir contornos bastante complexos" (EL-MOOR, 2019, online), conforme exemplificado pela diferença de hábitos entre uma família em Beirute, capital do Líbano, e uma em Túnis, capital da Tunísia. Portanto, a complexidade na denominação dos grupos que compartilham a língua árabe está restrita ao âmbito linguístico. Com apenas a língua como meio de aproximação entre tribos e grupos dominados, a intrincada relação entre povos de culturas,

⁹ Essa informação é um ponto importante para entendermos que, apensar do Império Otomano exercer poder sobre a região dos povos árabes, existiam agrupamentos territoriais que possuíam uma certa autonomia dentro do Estado Otomano. Dentre esses agrupamentos a Síria, e concomitante o território do Líbano, região que pertencia a Síria até o séc. XX, quando adquire a independência política, até certo ponto, conforme veremos adiante.

crenças e costumes diversos levou a revoltas contra o Estado Otomano em determinado momento, causando significativo impacto na organização política e militar do Estado.

Essa intrincada teia que se estende sobre a região correspondente ao Oriente Médio, parte da África e da Ásia, começou a se desfazer, levando o poder otomano à decadência. Apesar da complexidade, o Império Otomano continuou a avançar até certo ponto, quando enfrentou desafios políticos internos e externos, resultando em seu declínio a partir dos séculos XVII e XVIII. Nesse período, surgiram revoltas e conflitos com territórios fronteiriços como Áustria e Rússia. Contudo, foi no século XIX que o Império Otomano começou a perder poder em várias regiões dominadas, devido à intervenção das potências europeias em um processo de expansão político-militar sobre o Mundo Árabe.

Conforme o exposto nessa seção, o Líbano, em particular, emerge como uma peça-chave nesse quebra-cabeça histórico, influenciado por fenícios, otomanos, mamelucos, cruzados e uma variedade de povos que moldaram sua identidade ao longo do tempo.

A presença fenícia no Mediterrâneo, com sua ênfase no comércio e na navegação, estabeleceu as bases para a cultura libanesa, que perdura até os dias atuais. A aceitação e assimilação de diferentes influências ao longo dos séculos, seja pelos fenícios, otomanos ou cruzados, contribuíram para a formação de uma sociedade multicultural e diversificada. A resiliência dos libaneses, evidenciada nas resistências contra invasões e dominações, destaca a força e a complexidade desse povo.

Ao considerarmos a imigração sírio-libanesa para o Brasil no final do século XIX e início do século XX, podemos traçar um paralelo entre as habilidades comerciais dos fenícios e os comerciantes mascates. Essa diáspora levou consigo não apenas produtos, mas também uma mentalidade empreendedora enraizada na longa tradição comercial do Líbano. Assim, a compreensão das raízes históricas torna-se essencial para desvendar a influência libanesa na Amazônia, como um capítulo significativo na saga desse povo que, ao longo dos séculos, navegou através de diferentes eras e continentes, mantendo viva sua herança cultural.

IV. A Ideia De Amazônia: De Onde Veio E Como Se Concretizou

Atualmente, discutir a Amazônia equivale a resgatar as diversas caricaturas que foram sendo criadas e recriadas ao longo dos séculos, tendo como referência o final do século XV e início do século XVI até os dias atuais. Essas representações transformaram-se em estigmas incorporados pela própria sociedade como parte da identidade daquela região. Nesse contexto, refletir sobre a ideia da Amazônia se configura como um exercício para compreender, em parte, sua formação e como, a partir dessa construção, o espaço foi sendo moldado até os dias de hoje. Essa concepção da Amazônia não está desvinculada nem da ideia de Europa, nem do contexto formativo do Oriente Médio, pois ambas derivam de olhares que propõem construções e denominações sobre a existência e a aceitação de mitos ou movimentos históricos que se desdobram ao longo de séculos de influências socioculturais e identitárias em relação à própria visão de mundo.

É relevante destacar que a Europa é uma construção narrativa, assim como a Amazônia. No que diz respeito à Europa, ela está intrinsecamente ligada a três momentos significativos no processo de sua invenção ou na própria "Ideia de Europa":

- a) A primeira corresponde ao mito: A Grécia antiga e pré-helênica sempre teve seus olhos voltados a justificar muitos dos fenômenos naturais, assim como os resultados advindos das ações humanas, aos deuses que se multiplicaram com o tempo.
- b) A segunda corresponde aos relatos narrados por Heródoto e pela própria história antiga e medieval, onde os persas justificaram historicamente aquilo que os gregos deram movimento a partir das ações divinas.
- c) A terceira compreende a instituição e desenvolvimento do Cristianismo desde o Império Romano, validando os mitos cristãos e desqualificando os mitos greco-latinos, em um entrecruzar do sagrado e do profano na Ideia de Amazônia.

Os três elementos apresentados acima retratam a ideia de Europa, mas também o princípio da Ideia de Amazônia, pois a Amazônia também se baseia em mitos para constituir-se como território, assim como a concretização territorial a partir dos mitos narrados pelos gregos, como a Líbia, o Nilo e a Ásia, entre outros territórios criados pela imaginação humana. A Amazônia recebeu seu nome a partir da tribo guerreira composta apenas por mulheres, as amazonas míticas, que, no relato de viagem escrito por Carvajal, descreve um grupo de guerreiras mulheres lutando contra os espanhóis e afirma que cada uma das mulheres valia mais do que dez homens em batalha. Além do mito das amazonas, a presença do mito da origem cristã, o Éden, não poderia ser deixada de lado, conforme destaca Gondim (1994, p. 79) em relação à Invenção da Amazônia:

Os expedicionários reencontram e seqüenciam o imaginário dos antigos viajantes, cujas histórias sobre fortunas incríveis — lá Preste João, Grão Khan ou as áreas contíguas ao Éden, aqui o Eldorado, lugar fabuloso e a cidade Manoa das lendárias mulheres guerreiras — estão sempre presentes na invenção da Amazônia.

É evidente que cada mito, seja do sagrado, seja do profano, direciona-se para a necessidade de buscar uma razão que possa classificar a região, nomear ou promover o reconhecimento daquilo que desconhecem.

Esse reconhecimento também gira em torno do pertencimento, considerando que parte da premissa de que o local em que se encontra possui características inerentes à sua própria existência, mesmo que seja um breve suspiro, um traço efêmero daquilo que espera. São movimentos constantes que levam à percepção de que o pertencimento não é algo fixo, sólido, mas sim um deslocamento volátil do indivíduo em relação ao meio em que está inserido. Nesse contexto, é possível observar essa dinâmica entre os árabes, especialmente os sírios e libaneses que chegaram à região da Amazônia no final do século XIX e início do século XX em busca de enriquecimento e da possibilidade de ajudar familiares que ainda permaneciam no Oriente Médio. Permaneciam em solo estrangeiro com o intuito de juntar recursos suficientes e, posteriormente, retornar à sua terra natal. Esse desejo era inicialmente visto como transitório, no entanto, é importante ressaltar que o transitório acaba se entrelaçando com a ideia de pertencimento. Isso levou muitos imigrantes a permanecerem na região onde se encontravam, simultaneamente atraindo seus parentes e amigos para juntarem-se a eles, como se fosse uma Nova Andaluzia, uma terra de prosperidade.

Dessa forma, a concepção da Amazônia não é construída apenas através das narrativas que se desenvolveram ao longo dos séculos, desde o pensamento pré-colonial, mas principalmente pela representação do sagrado e do profano que delinea os primeiros traços identitários e ideológicos em torno de sua criação. Isso inclui os pertencimentos acumulados na região, que serviram como abrigo para os habitantes locais e como lar temporário para diversos grupos, como os árabes e os europeus. O sentido de pertencimento não se revela apenas por meio de uma aceitação superficial, mas principalmente pela vivência diária em uma região que os acolheu, proporcionando-lhes um pedaço de terra para estabelecerem seus lares e tendas.

Na continuidade da exploração dos aspectos da Ideia de Amazônia, buscarei agora uma abordagem mais concreta, delineando os traços com pinceladas que se deslocam no tempo e no espaço. Pretendo destacar os movimentos das caravelas e os deslocamentos ideológicos que visavam promover uma representação da região agora conhecida como Amazônia. Isso inclui a necessidade de estabelecer nomenclaturas que delimitem a territorialidade do espaço, o qual pode ser sincrônico em determinados momentos e anacrônico em outros, dependendo dos deslocamentos propostos ao longo dos movimentos imaginativos concebidos desde a pré-colonialidade.

Parto aqui de uma perspectiva linear, embora, em determinados momentos, essa trajetória possa ser interrompida, dando saltos para frente e para trás na tentativa de alinhar uma Ideia de Amazônia e de como essa concepção chamou a atenção de muitos estrangeiros, entre eles os árabes. Para muitos, sua presença na região se deu no final do séc. XIX e início do séc. XX, porém, não levam em consideração que os árabes, representados, positiva ou negativamente, pelo Império Otomano, ocuparam durante aproximadamente oito séculos uma parte significativa da Europa, assim como da Península Ibérica, ou Al-Andaluz, como a denominavam. Esse período de domínio resultou na assimilação de grande parte da cultura árabe pelos ibéricos, tanto na culinária quanto na cultura de navegação. Falando em navegação, é relevante destacar que, tendo os fenícios como seus precursores, os árabes dominavam a maestria da navegação, o que contribuiu para que as caravelas levassem consigo pelo menos um navegador árabe, assim como outros tripulantes que de alguma forma carregavam em seus genes um traço árabe, devido ao período de ocupação otomana sobre a região. É por este ponto que iniciarei esta jornada em direção ao Novo Mundo, a Nova Al-Andaluz dos imigrantes árabes.

Para mapear tanto o tempo quanto os espaços relacionados à descoberta da Amazônia, é crucial entender que a Amazônia nem sempre foi conhecida como tal. Desde os primeiros exploradores, que utilizavam o Rio como ponto de referência para suas navegações, houve a tentativa de atribuir nomes e conferir existência à região que exploravam, como se estivessem conferindo uma identidade ao local com base em eventos que eles mesmos legitimavam. Observa-se que a concepção da Amazônia envolve diversos processos, incluindo o Mito Cristão do Éden, ou visão edênica ou endêmica, considerando que o espaço já era habitado por índios-nativos, seres endêmicos da região. Ao explorar uma região até então desconhecida pelos europeus, nos primeiros contatos, surge o desejo de reivindicar para si o direito de nomear e reivindicar a soberania territorial, sem considerar a totalidade do que está presente e disperso entre as árvores e rios, desde o solo até o topo das árvores e além.

Se considerarmos que o tempo e o espaço delimitam momentos, acontecimentos, eventos históricos e criativos, podemos afirmar que a Amazônia representa um arquétipo dos anseios e das aspirações do homem europeu em buscar ou forjar mitos que transitam entre o sagrado e o profano. Isso se deve ao fato de que, durante a Idade Média na Europa, predominava a perspectiva religiosa cristã, que ditava o que era considerado sagrado e o que era visto como profano. Huizinga (1985, p. 160) aponta que o

[...] homem da Idade Média quer conhecer a natureza ou a razão de uma coisa não a observa para lhe analisar a estrutura íntima, nem para inquirir sobre as suas origens; olha antes para o céu, onde ela brilha como ideia. Quer se trate de uma questão política, moral ou social o primeiro passo a dar é reduzi-la sempre ao seu princípio universal. Mesmo ninharias e coisas vulgares são observadas deste ângulo. [...] E daí, segundo uma exposição inteiramente escolástica, deduz a prova de que a mencionada exacção é simoniaca, herética e contrária às leis de Deus e da natureza. É esse aspecto que tanta vez nos desorienta e enfastia quando analisamos

as argumentações medievais: são sempre dirigidas aos espaços celestes e perdem-se logo de início em generalidades morais e «exemplos» da Escritura Sagrada.

A partir do trecho acima, é evidente que o sagrado e o profano foram representações que acompanharam o homem durante a Idade Média e, na transição para a Idade Moderna, marcada pela conquista de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano e pelas grandes navegações de Portugal e Espanha, essas concepções persistem. Mesmo com a mudança de eras, o pensamento cristão continua a ser a base, conforme delineado anteriormente, e o Novo Mundo é construído discursivamente com base no Sagrado, na crença, mas também no profano, exemplificado pelas representações das amazonas de Carvajal. Dessa forma, o tempo e o espaço dos acontecimentos estão subordinados aos discursos ideológicos europeus em relação ao desconhecido. O Sagrado e o Profano, como dois aspectos inseparáveis, formaram a Ideia de Europa e a Ideia de Amazônia.

Quanto à Ideia de Amazônia, como mencionado anteriormente, ela representa os desejos e propósitos moldados pelos discursos europeus, iniciando na "imaginação fantasiosa do conquistador" e, posteriormente, no imaginário moderno dos naturalistas, além dos discursos dos missionários, conforme narrativas de viagens pelo Amazonas, cuja ocupação territorial abrange os séculos XV a XVIII, estendendo-se até o século XIX (PIZARRO, 2012, p. 38). As narrativas das expedições ao longo do período de exploração e ocupação territorial alimentaram a projeção imagética estabelecida entre os europeus, que quebrava com o discurso do sagrado, uma vez que o Novo Mundo estava imerso em mitos, um conto de fadas sobre um mundo desconhecido. Gondim (1994, p. 185) ressalta que "a busca de um mundo perdido pode ser interpretada como a procura da origem do homem, de sua historiografia. Nesse sentido, para esse romance embricam duas vertentes, a mítica e o seu 'duplo fácil', o conto de fada". Esse entrelaçar do sagrado e do profano é descrito por Gondim (1994, p. 39) em que

O estrangeiro é sufocado pela natureza que o martiriza com sua fauna e flora aérea ou rasteira. Depois desse rito de passagem profano — o cerimonial é solitário, não comunal —, uma quase familiaridade com a natureza o autoriza a transferir para o nativo a sua amargura, que se traduz na incapacidade de sobrevivência em local tão exótico sem a ajuda do homem da terra. Sua incapacidade de abarcar a totalidade, de exercer seu domínio — é um Adão destronado e decaído — é minimizada pela procura de traços diferenciadores nos nativos, que lhe anularão a humanidade; de elementos da terra, passam a usufruir o estatuto de agentes perturbadores daquela ordem natural.

Dessa maneira, a concepção da Amazônia vai gradualmente se formando, evidenciando o imaginário europeu diante do ambiente que impõe desafios aos estrangeiros, não habituados às dificuldades de adentrar e percorrer a floresta que desejavam subjugar, explorar e colonizar. Na construção da Ideia de Amazônia, os estigmas passam a ser reproduzidos como elementos intrínsecos à formação desse conceito, pois a Amazônia começou a ser percebida e imaginada por meio dos estigmas que foram forjados e perpetuados ao longo dos cinco séculos de colonização, abrangendo os períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial. Assim sendo, a Ideia de Amazônia não passa de uma narrativa colonizadora europeia acerca das terras amazônicas, representando os anseios e desígnios do estrangeiro sobre o meio e tudo que existe nesse território.

Este discurso do colonizador se revela mesmo antes da chegada efetiva do europeu ao Novo Mundo, especialmente na Amazônia, pois os viajantes e exploradores traziam consigo imagens que ecoavam a partir da Índia, uma região que aguçou e instigou o europeu a criar imagens ligadas ao pensamento ocidental. Entre todos os lugares conhecidos e visitados pelos antigos medievais, foi a Índia que mais impressionou e despertou curiosidade em virtude de seus mistérios,

[...] para onde confluíam a síntese dos climas, dos acidentes geográficos, da flora, da fauna e da religião. Lugares quentes e frios, vales e montanhas, rios e mares, aves e elefantes, verdor eterno das árvores, mitologia, metempsicose, vegetarianismo, sensualidade, ascetismo, luxo e despojamento. Talvez somente através de comparações ou a partir da verdade das Escrituras ou, ainda, com a ajuda do imaginário de cada um, fosse possível falar ou escrever sobre ela. (GONDIM, 1994, p. 17)

Este conjunto de imagens representativas, retratadas pelos europeus em relação à Índia, não nos é desconhecido, conforme evidenciado pelos relatos de viagens que se desdobram sobre a Amazônia desde os primeiros olhares imagéticos até o processo de exploração e colonização da região. Isso nos conduz a refletir sobre mais uma faceta da concepção da Ideia de Amazônia como resultante do discurso do viajante-colonizador/explorador. Poderíamos afirmar, inclusive, que a Amazônia se assemelha a um retrato da Índia, com a exceção da ausência de elefantes, mas repleta de mistérios semelhantes aos olhos dos mesmos estrangeiros que construíram discursivamente a Índia.

"Leste é Leste, e Oeste é Oeste, e nunca os dois se encontrarão", escreveu Kipling em uma frase famosa pela qual ele tem sido frequentemente censurado. Esta distância imensurável percebida entre dois mundos que supostamente estão em lados opostos do globo pode explicar os infinitos devaneios sobre a Índia desde o início. Poucos países exerceram uma atração tão poderosa sobre a imaginação ocidental. Apesar do progresso lento, mas constante do conhecimento empírico, o continente indiano sempre apareceu para os ocidentais como um teatro fabuloso. Tudo neste irreal em outro lugar é prodigioso: a singularidade dos animais, a exuberância da vegetação tropical, a multidão de plantas aromáticas, a profusão de pedras preciosas. A Índia

foi percebida muito rapidamente como o país de todo fanatismo e de todas as perturbações da razão, o lugar da sexualidade mais desenfreada e das formas mais insuspeitas de crueldade. A suposta propensão de seus habitantes para a contemplação e o misticismo deu origem a uma série de clichês e estereótipos que suportaram. (TOFFIN, 1989, p. 281)

Com base no trecho acima, observa-se que, apesar de estarem em locais distintos, Amazônia e Índia adquiriram as mesmas construções discursivas na percepção europeia, transformando-se em representações uma da outra. Embora pertençam a universos geográficos distantes, compartilham o estigma das representações, uma vez que qualquer coisa que escape à estética sociocultural europeia suscita espanto e é moldada conforme as construções mitológicas cristãs, como a concepção do Paraíso na Terra. Vale ressaltar que tanto a Índia quanto a Amazônia são percebidas de maneira semelhante pelos olhos europeus. "A Índia surge como uma terra de bárbaros, no limite entre a humanidade e a bestialidade, com sua inevitável galeria de monstros de duas cabeças, três cabeças ou sem cabeça" (TOFFIN, 1989, p. 281). Da mesma forma, a Amazônia é retratada como um reflexo da Índia aos olhos dos estrangeiros, uma construção imaginária gerada por aqueles que narram suas experiências no interior da floresta, durante as navegações pelos rios caudalosos e as caminhadas nas entranhas da selva. Gondim (1994, p. 09) destaca essa relação entre a Amazônia e a Índia como um constructo do discurso europeu-viajante.

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes.

Longe de ser uma realidade iminente, trata-se de uma representação fantasiosa da concepção de uma terra paradisíaca, desconhecida aos olhos de quem vê e contempla, ocupando os espaços que florescem em imagem tanto fantasiosa quanto demoníaca, ou ainda como um tesouro a ser explorado (PIZARRO, 2012). A noção da Amazônia é maleável, serpenteando como as águas do Rio Amazonas¹⁰, movendo-se de um lado para o outro, desde sua construção ideológica, passando pelo reflexo do discurso representativo da Índia, até a presença dos viajantes-exploradores que narram suas jornadas por meio de discursos que constroem e reconstróem as representações amazônicas, os estigmas de uma construção identitária, moldando, assim, a Ideia da Amazônia.

V. Teias Invisíveis: Narrativas Entrelaçadas Entre Europa, Líbano E Amazônia Ao Longo Dos Séculos: Considerações Finais

A partir da escritura desta pesquisa, emergiram reflexões que transcenderam as fronteiras geográficas, elucidando o entrelaçar de conexões entre a Ideia de Europa, o oriente, na formação do estado libanês, e idealização da Amazônia. Durante o desenvolvimento da análise das narrativas entrelaçadas destas regiões revelou não apenas suas particularidades, mas também os fios invisíveis que as conectam, ficando evidente as constantes influências mútuas.

Ao explorar a construção da identidade europeia, foi evidenciado a complexidade intrínseca referente a Ideia de Europa, permeada pelos mitos gregos e greco-romano. O mito do Rapto de Europa, vinculado à metamorfose divina e à transição do paganismo para o Cristianismo, delineou uma narrativa mitológica que ecoa até os dias atuais. A desmitificação da história grega, imperativa para reconhecer a diversidade de versões, ilumina as nuances da construção cultural europeia, marcando a região não apenas como uma expressão geográfica, mas como uma narrativa em constante evolução.

No contexto do Líbano, a influência fenícia destacou-se como elemento crucial na configuração cultural e histórica da região. A habilidade fenícia na navegação e comércio, transmitida aos gregos, contribuiu para a formação de alfabetos e dinâmicas comerciais que transcendem fronteiras. A presença de vários impérios na região, correspondente ao Líbano, demonstrou a diversidade cultural pela qual àquela sociedade teve contato. Isso demonstra como a identidade libanesa é uma construção dinâmica, que foi influenciada por trocas culturais ao longo dos séculos.

A incursão na construção ideológica da Amazônia revelou uma narrativa complexa moldada por mitos, estigmas e representações europeias. Assim como a Europa, a Amazônia é mais do que um espaço geográfico; é uma narrativa colonizadora que ecoa através do tempo. A região, marcada pela chegada de árabes no século XIX, não apenas absorveu influências culturais, mas também reflete a maleabilidade da identidade, movendo-se entre mitos, estigmas e representações.

Assim, as conexões transculturais entre a Europa, Líbano e Amazônia, evidenciadas neste estudo, ressaltaram a importância de compreender as narrativas compartilhadas que permeiam diferentes partes do mundo. A pesquisa interdisciplinar, ancorada na análise literária, estudos culturais e investigação histórica,

¹⁰ É válido destacar que o nome Rio Amazonas já teve outros nomes: Paraguaçu (Tupi), Sta. Maria del Mar Dulce, Marañon, Rio das Canelas, Rio de Orellana e Rio das Amazonas (HANNA, 2015, p. 26), dentre os nomes apresentados, será utilizado aqui o nome Rio Amazonas como representação do espaço amazônico.

revelou padrões de influências mitológicas e comerciais que se entrelaçaram, contribuindo para uma compreensão mais ampla da formação dessas identidades.

Portanto, ao revelar narrativas que ecoam entre estas regiões, ou que se complementam, este artigo buscou não apenas iluminar o passado, mas também estimular uma reflexão sobre as interconexões que continuam a moldar as identidades culturais e históricas da Europa, Líbano e Amazônia. O entendimento das complexas teias que entrelaçam essas regiões oferece percepções valiosas para o campo dos estudos culturais, incentivando uma apreciação mais profunda da riqueza e diversidade das narrativas que constituem a humanidade.

Referências

- [1]. Biard, Auguste François. *Dois Anos No Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 252 P. (Edições Do Senado Federal, 13)
- [2]. Brandão, Junito De Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1986. Vol. I.
- [3]. Brandão, Junito De Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1987. Vol. II.
- [4]. Brandão, Junito De Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1987. Vol. III.
- [5]. Buchabqui, Jorge. *Das Civilizações À Imigração Libanesa: Um Pequeno Resgate Histórico*. Porto Alegre: Ufrgs, 2011.
- [6]. Costa, Alexandre. *Heráclito: Fragmentos Contextualizados*. Tradução, Apresentação E Comentários Por Alexandre Costa. Rio De Janeiro: Difel, 2002. Disponível Em: https://Kupdf.Net/Download/Alexandre-Costa-Her-Aacute-Clito-Fragmentos-Contextualizados_58d614b0dc0d606870c34659_Pdf. Acesso Em: 27 Mar. 2023.
- [7]. El-Moor, Patrícia. *Presença Árabe No Brasil: Entre A Herança Ibérica E Os Fluxos Migratórios (Parte 4)*. Publicado Em: 09 Jul. 2019. Disponível Em: <https://Neoarabe.Hcommons.Org/Author/Patriciaelmoor/>. Acesso Em: 13 Mar. 2021
- [8]. Gondim, Neide. *A Invenção Da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- [9]. Grimal, Pierre. *Dicionário Da Mitologia Grega E Romana*. Tradução De Victor Jabouille. 5ª Ed. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- [10]. Hanna, Adel Malek; Gomes, Alessandra De Menezes. *O Inferno Em Eneida: Mito E Poesia*. Revell: Revista De Estudos Literários Da Uems, V. 2, N. 11, P. 198-216, 2015. Disponível Em: <https://Dialnet.Unirioja.Es/Servlet/Articulo?Codigo=5915326>. Acesso Em: 22 Mar. 2023.
- [11]. Hanna, Adel Malek. *Judas-Asvero: Historicidade E Crença Judaico-Cristã No Interior Da Amazônia*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- [12]. Hartog, François. *El Espejo De Heródoto*. México: Fondo De Cultura Económica, 2003. Disponível Em: <http://Www.Encurtador.Com.Br/Bchk2>. Acesso Em:
- [13]. Heródoto [De Halicarnasso]. *História [Ebook] – Os Nove Livros*. Versão Para O Português: J. Brito Broca. Ebooksbrasil.Org. Publicado Em 2006. Disponível Em: <http://Www.Ebooksbrasil.Org/Adobebook/Historiaherodoto.Pdf>. Acesso Em: 23 Mar. 2023.
- [14]. Hourani, Albert. *Uma História Dos Povos Árabes [E-Book]*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1994.
- [15]. Huizinga, Johan. *O Declínio Da Idade Média*. Tradução De Augusto Abelaira. 2ª. Ed. Lousã: Ulisseia, 1985.
- [16]. Linhares, Mariayedda. *O Oriente Médio E O Mundo Dos Árabes*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- [17]. Meihy, Murilo. *Os Libaneses*. 1. Ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. (Povos E Civilizações)
- [18]. Orlandi, Eni P. *Análise De Discurso: Princípios E Procedimentos*. Campinas, Sp: Pontes, 2005.
- [19]. Pagden, Anthony. *Europa: Conceptualização De Um Continente*. Pagden, Anthony; Hamilton, Lee H. (Ed.). *The Idea Of Europe: From Antiquity To The European Union*. Cambridge University Press, 2002. Vol 13. Disponível Em: <http://Assets.Cambridge.Org/97805217/91717/Sample/9780521791717ws.Pdf>. Acesso Em: 18 Março 2023.
- [20]. Pereira, Maria Helena Da Rocha. *Les Fondements Classiques De L'idée Européenne*. Humanitas. Vol. 49, P. 25-49. 1997. Disponível Em: https://Digitalis.Uc.Pt/Pt-Pt/Artigo/Les_Fondements_Classiques_De_Lid%C3%A9e_Europ%C3%A9enne. Acesso Em: 28 Mar. 2023.
- [21]. Pereira, Maria Helena Da Rocha. *Estudos Sobre Roma Antiga, A Europa E O Legado Clássico*. Lisboa-Pt: Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa A Universidade De Coimbra, 2015.
- [22]. Pizarro, Ana. *Amazônia: As Vozes Do Rio: Imaginário E Modernização*. Tradução De Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2012.
- [23]. Puckett, Neil. *The Phoenician Trade Network: Tracing A Mediterranean Exchange System*. 2012. Tese De Doutorado. Submetido Ao Gabinete De Estudos De Pós-Graduação Da Universidade A&M Do Texas Em Cumprimento Parcial Dos Requisitos Para O Grau De Master Of Arts. Disponível Em: <https://Oaktrust.Library.Tamu.Edu/Handle/1969.1/148404>. Acesso Em: 16 Dez. 2023.
- [24]. Santoro, Fernando. *Raptos De Europa: Para Uma Percepção Imagética Da Passagem Do Mito Ao Lógos*. *Classica-Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, V. 13, N. 13/14, P. 109-121, 2001. Disponível Em: <https://Classica.Emnuvens.Com.Br/Classica/Article/View/478>. Acesso Em: 23 Mar. 2023.
- [25]. Silva, Diógenes Henrique Carvalho Veras Da. *La Literatura Sobre Fenícios En El Territorio Brasileño: Orígenes Y Razones*. 2016. Tese De Doutorado. Universidad Complutense De Madrid. Facultad De Geografía E Historia. Disponível Em: <https://Eprints.Ucm.Es/Id/Eprint/39468/>. Acesso Em: 13 Dez. 2023.
- [26]. Toffin, Gérard. *L'inde Et L'imaginaire. Études Réunies Par C. Weinberger-Thomas*. *L'homme*, V. 29, N. 111, P. 281-282, 1989. Fichier Pdf Généré Le 10/05/2018. Disponível Em: Www.Persee.Fr/Doc/Hom_0439-4216_1989_Num_29_111_369188. Acesso Em: 08 Jul. 2023.